

Fotos: Reprodução



Ruínas de Airão perdidas na selva



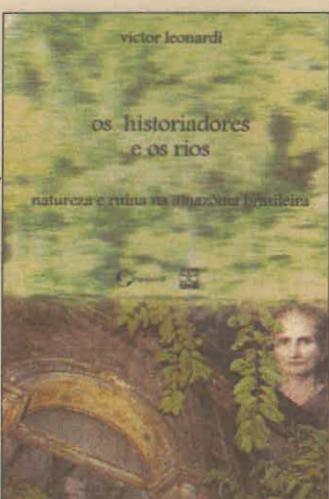
Transporte do cipó titica, produto do extrativismo na região

Cidade redescoberta

Era o ano de 1994 quando o historiador Victor Leonardi percorria as margens do Rio Jaú, um afluente do Rio Negro, na Amazônia, e se deparava com ruínas de um pequena cidade esquecida no meio da floresta. Pelas portas e janelas dos restos de casarões de época passavam árvores de 40 metros de altura e circulavam livremente bichos silvestres. Uma cena estarrecedora e fascinante. Desde aquele dia, Victor Leonardi pesquisou arquivos, recolheu depoimentos e reconstruiu a história do Airão, localizado a 250 quilômetros de Manaus (por via fluvial). Esse lugar é hoje uma “cidade morta”, sem habitantes, desde então em pauta pela sua importância histórica para a cultura e o meio-ambiente amazônico.

O encontro com os restos dessa pequena cidade desencadeou em Victor Leonardi uma reflexão teórica sobre o tema “decadência”. O resultado está no livro *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*, que está sendo apresentado a Brasília hoje. O livro já foi lançado em Manaus, onde o autor pesquisou no Museu Amazônico e lecionou na Universidade como professor visitante. Lá e nas redondezas, ele encontrou também vários ex-habitantes do Airão, que foram preciosas fontes de história oral.

O tema “decadência” foi explorado por Victor Leonardi levando em consideração a origem do termo, que se refere a organismos vivos e não a coisas inanimadas. Por isso o uso de aspas. Mas o rigor acadêmi-



co do historiador não exclui o uso de uma linguagem literária, mais expressiva. Um exemplo é nome do nono capítulo: “Memória dos Rio de Água Preta”. Pensar a “decadência”, a “morte” de uma ci-

dade na beira do Rio Jaú é um processo, para um historiador, inverso ao usual. “Penso ao contrário: tento entender como acaba uma cidade para saber como ela pode não acabar nunca”, declara Victor. Só na Amazônia, há 11 “cidades mortas”. O Airão foi um povoado mais antigo do que Pirenópolis, Goiás Velho e Barcelos, a primeira capital da Amazônia.

A pequena cidade do Airão surgiu como aldeamento missionário de padres carmelitas no século XVII. No século seguinte, foi importante para o processo de demarcação das fronteiras entre Espanha e Portugal. Com a presença dos padres, ficou provado que o território pertencia a Portugal. Mais tarde, a partir da metade de 1800 até 1913, a exploração

da *Hevea brasiliensis* gerou emprego e desenvolvimento para a região em torno do Ciclo da Borracha... A história da Amazônia foi conturbada e complexa. O livro que Victor Leonardi lança hoje à noite explora os labirintos do passado amazônico, contribuindo para a compreensão do assunto. *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira* é um estudo de história social e ambiental, duas vertentes inseparáveis quando se fala em Amazônia e seus problemas.

O livro contém anexo com fotografias de Juan Pratgines-tós, que esteve ao lado de Victor Leonardi já na primeira viagem ao Airão. Ainda na época, Victor redigiu uma proposta de tombamento ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Na-

cional). Mas até hoje não foi possível o tombamento, pois o IPHAN utiliza critérios excessivamente rígidos: exige monumentalidade de todo e qualquer patrimônio a ser tombado. Só se forem alargados os critérios dessa instituição, o patrimônio histórico que é o Airão poderá ser preservado. Em decorrência da pesquisa encabeçada por Victor, o Airão é visitado por estudantes universitários de Manaus, é objeto de pesquisa arqueológicas e já foi até tema de samba enredo em Carnaval.

LETÍCIA VERDI

Colaboradora do JORNAL DE BRASÍLIA

• *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*, de Victor Leonardi. 270 páginas. Editoras Paralelo 15 e UnB. Preço: 27 reais. Lançamento hoje, às 19 horas, no Café Brasil, 202 Norte.

02/05/2000